

* Universidade
de Valência

** Parques de Sintra
– Monte da Lua, S.A.

Três peças almóadas de marfim (Sintra)

Carmen Barceló Torres*
Maria João de Sousa**

Resumo O projeto “À Conquista do Castelo” implementado pela Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. pretendia dotar o Castelo dos Mouros, em Sintra, de infraestruturas de apoio ao visitante, através da implantação de novos equipamentos na zona das Antigas Cavalariças. Da escavação arqueológica integral desta área, da responsabilidade da arqueóloga Maria João de Sousa, destaca-se um conjunto de peças em osso e marfim (noz de besta; dado; torre de roca; elemento de fuso; separador de fios) e entre estes, três fragmentos de pequenas placas de marfim, duas delas com inscrição em árabe que, embora de reduzidas dimensões e, uma delas, apresentando mau estado de conservação, foi possível realizar o seu estudo.

Abstract The project “Conquering the Castle” implemented by Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. sought to endow the Moorish Castle in Sintra with visitor support infrastructures through the implementation of new equipment and facilities in the Former Stables. The full archaeological excavation of this site, under the direction of Maria João de Sousa, discovered a set of pieces in bone and ivory (hinges of crossbows; dice; distaffs; part of a spindle and a thread separator) and including three fragments of small pieces of ivory, two of which bear Arabic inscriptions that, while only small in scale and with one of them in an advanced state of decay, did enable this study to take place.



Fig. 1 – Placa A.



Fig. 2 – Placa B.

O Castelo dos Mouros, construído no século X no topo de um dos cumes rochosos da Serra de Sintra, foi considerado uma das principais estruturas militares do Gharb al-Andalus, funcionando como defesa da costa atlântica e do acesso marítimo à cidade de Lisboa.

Este Monumento Nacional localiza-se no interior da Paisagem Cultural de Sintra, classificada pela UNESCO como Património Mundial (1995), não tendo sido objeto de intervenções significativas nas últimas décadas, iniciando a Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., a quem a gestão do Castelo está entregue, o projeto “À Conquista do Castelo”, com o objetivo de restaurar e valorizar o Castelo dos Mouros, um monumento que recebeu cerca de 275 000 visitas em 2013.

De modo a permitir conhecer, de modo mais objetivo, as ocupações humanas do castelo, as suas fases construtivas e espaços de vivência, foram desenvolvidos desde 2009, trabalhos arqueológicos que incidiram fundamentalmente nas zonas onde se pretendia implantar os novos equipamentos.

Os trabalhos arqueológicos na área de ocupação das Antigas Cavalariças — área que se escavou

integralmente, em virtude da implantação de equipamentos de apoio ao visitante — possibilitaram a identificação de níveis de pavimentos em pedra, que corresponderiam à utilização ajardinada deste espaço, no século XIX, bases de colunas de secção quadrangular de possível telheiro, níveis de cal para produção de argamassas de construção e restauro das muralhas, alicerces de habitações, silos e diversos materiais arqueológicos de variadas épocas cronológicas, desde o Neolítico até à Época Moderna.

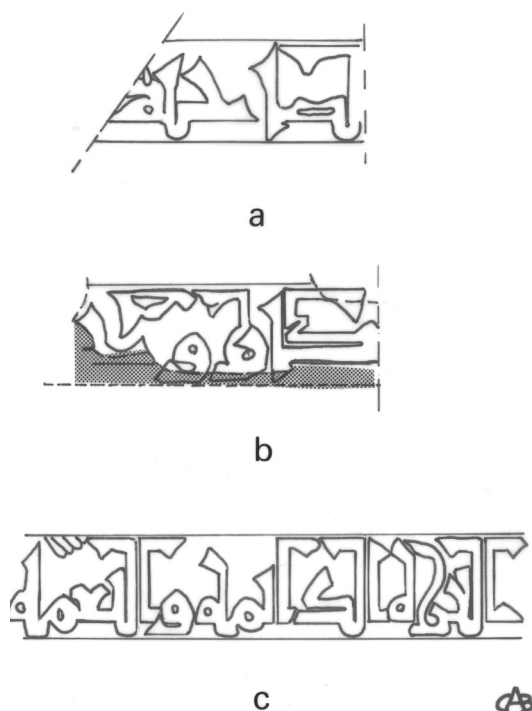
Do conjunto de artefactos recolhidos, destaca-se um conjunto de peças em osso e marfim (noz de besta; dado; torre de roca; elemento de fuso; separador de fios) e entre estes, 3 fragmentos de pequenas placas de marfim, duas delas com inscrição em árabe.

Embora de reduzidas dimensões e, uma delas, apresentando mau estado de conservação, foi possível realizar o seu estudo que de seguida se apresenta.

Peça A (Fig. 1)

A peça tem 17 mm de altura e conserva nos dois lados, superior e inferior, parte do friso com cerca de 1,5 mm de altura que emoldu-

Fig. 4 – Inscrição sobre marfim (seg. C. Barceló): a) Sintra, placa A; b) Sintra, placa B; c) arquete de Zamora, do século XII (Museo Arqueológico Nacional, Madrid).



rava a caixa de escrita. A linha de base das letras situa-se a 2,5 mm do quadro inferior e a 10 mm do quadro superior. Como tal, a caixa de escrita tem 12,5 mm de altura e conserva apenas 30 mm da largura. Os cinco signos que a placa apresenta ocupam todo o campo epigráfico, sendo reservada uma quinta parte da caixa para o apêndice do signo 1f¹ e os nós curvos de união entre os dois primeiros e os dois seguintes. Sobre a última letra adivinha-se um resto de decoração floral cuja composição não é possível determinar devido à quebra que a peça sofreu nesse lado.

A escrita da placa é de tipo cúfico em relevo. Além das junções curvas inferiores, sobressai o facto de a primeira letra começar junto à parte alta inicial da terceira (traço 1f). Isso significa que esse signo 12 tem de percorrer 10 mm antes de realizar uma torção em ângulo reto para descer os 10 mm que o separam do friso inferior. São relevantes a inclinação com oclusão da segunda letra, ou seja, o signo 7m, e também o pé prolongado do último traço (15f) e a torção do traço superior (Fig. 4a).

O texto que esta inscrição apresenta pode ser facilmente interpretado como o árabe *li-ṣāhibi-hi*, ou seja, “para o seu dono”. Como tal, é possível deduzir que o fragmento pertencia ao final de uma epígrafe mais comprida que deveria ter incluído, entre outras

expressões possíveis, as habituais expressões de benevolência e bons augúrios para o proprietário do objeto, como é possível encontrar com relativa frequência na produção artesanal árabe de todas as épocas e também na ebo- rária (Ferrandis, 1940, p. 85).

Peça B (Fig. 2)

A peça conserva no lado superior, com 26 mm de largura, a moldura de 1,5 mm de altura que rodeava a caixa de escrita. Como resultado da fratura, desapareceu a dita moldura e a parte inferior do corpo da placa, desde a linha de base da escrita, que percorreria cerca de 10 mm paralelamente ao friso superior. Como único adorno, observa-se o desenho de uma planta, possivelmente um trevo ou uma folha com três lóbulos, embora sem caule nem nervuras.

Tal como sucede com a peça A, também esta só conserva cinco signos de letra cúfica em relevo que ocupam o campo epigráfico da placa. A caixa de escrita que pode ser deduzida a partir do desenho que foi conservado deveria ter 11,5 mm de altura, apesar de os dois signos finais terem perdido a parte inferior da figura e de os outros três não estarem completos.

Tal como na peça A, sobressai a torção em ângulo reto tanto do signo 11i (9 mm para a direita) como do traço 14a (5 mm para a esquerda). Relativamente ao corpo de 11i, apresenta uma linha partida no sentido oblíquo do ápice assim como um corpo formado por duas linhas paralelas e um semicírculo inicial onde se situa o apêndice do respetivo corpo superior. O signo 16 apresenta-se na sua forma isolada, com cabeça arredondada. Sobra apenas metade da haste inicial, ligeiramente inclinada, do traço 6i. É de destacar um apêndice na base da figura 14a, para a esquerda, que lhe confere uma aparência especial (Fig. 4b).

A parte da inscrição mais bem conservada permite duas leituras: *kāna*, “foi, esteve”, ou, então, *ka’anna*, “como se”, que, por si só, não fazem qualquer sentido. Na reconstrução possibilitada pelos restos que chegaram até nós devemos pressupor a existência de dois signos finais com uma dupla leitura possível: *wah[d]*, “único, apenas”, ou *wağ[h]*, “face, lado, superfície”. É mais do que provável que o texto agora visível fosse o árabe *ka’anna wağha-*, “como se (a sua/tua/minha) superfície...”. Devido à fre-

¹ Em epigrafia árabe não se mencionam as letras árabes pelo seu nome, pelo que as 28 letras se reduzem a 18 signos ou traços; cada traço ou signo se diferencia de outro segundo a sua posição na palavra: a, quer dizer que está desenhada de modo isolado; i, de forma inicial; m, com desenho medial; f, na sua forma final. A isto se refere o texto quando se descreve um signo como 7m(edial) ou ao prolongamento do traço 15f(final).



Fig. 3 – Placa C.

quência com que estes ou mais versos aparecem na produção artesanal árabe, incluindo a eboraria, no caso das placas de Sintra, trata-se de outro exemplo dos chamados “objetos falantes”; nos quais se gravavam poemas ou dizeres curtos que eram utilizados para descrever o objeto, por vezes fazendo-o falar de si próprio na primeira pessoa.

Peça C (Fig. 3)

A terceira peça de marfim descoberta em Sintra é de configuração trapezoidal, ligeiramente mais estreita na parte direita. Trata-se da marca decorativa usada nas tampas de caixas e nos ângulos inferiores destas, especialmente nas chamadas ‘arquetas’ ou cofres de marfim dos séculos XII–XIII do al-Andalus e Sicília (Ferrandis, 1940, p. 72).

A placa apresenta uma decoração vegetal do típico entalhe de um talo que corre no meio de folhas digitadas espaçadamente, em forma de ramo de palmeira. São palmas pequenas com lados curvos, umas vezes soltas outras fechadas em círculos. As palmas soltas apresentam uma forma sensivelmente triangular.

Aspetos morfológicos e epigráficos

As placas podem ser relacionadas com os painéis finos (de osso ou marfim) que revestem caixas de madeira de diversos tipos com inscrições árabes cúficas e/ou cursivas, pintadas ou com epigrafia em relevo. Como teremos oportunidade de verificar, no período no qual as peças de Sintra podem ser enquadradas, a altura desses painéis com escrita podia ser aproximadamente de 15 mm. A sua função consiste em conter a inscrição existente ao longo das quatro faces do prisma, dado que estas placas encerram o rebordo da cobertura, ou seja, aparecem na tampa, em forma de caixotão,

de objetos quadrangulares, que devem medir aproximadamente 300 x 200 x 150 mm. Em todas as peças conhecidas com painéis do género daquele que abordamos, a decoração não epigráfica pode aparecer pintada ou destacada com buril e cor sobre as superfícies centrais das respectivas faces. Foi sugerido que eram utilizadas para conter o Corão, produtos de perfumaria ou jóias.

A escrita — e decoração — das placas de Sintra foi gravada com esmero e optou-se por um tipo de letra elegante. É possível observar letras cúficas semelhantes às que as duas peças apresentam em inscrições efetuadas em materiais diversos. Deste modo, os remates ou terminações de grafemas que formam um ângulo recto e com duplo bisel são específicas dos séculos XIII ao XV, ao passo que o traçado de uma parte do apêndice no sentido perpendicular ao corpo da letra dos signos 11i, 12i e 14a está presente em todos os produtos conhecidos realizados durante o governo almóada. Relativamente ao desenho 15f, este assemelha-se ao traço apresentado numa lápide da muralha de Jerez de la Frontera (Fernández, 1978–1979, fig. 4) e é muito parecido à de outra, encontrada em Elvas, Portalegre (Torres & Macias, 1998, n.º 303, p. 247)².

Estas características caligráficas e as já expostas ao descrever as inscrições das duas peças podem ser relacionadas, sem dúvida alguma, com a escrita cúfica praticada no al-Andalus e no norte de África no Período Almóada que, como se sabe, sobretudo na zona ocidental peninsular, abarca aproximadamente o período que vai de 541 a 640, ou seja, de 1147 a 1244. Deste modo, no estudo do texto das duas placas, tivemos em conta a bibliografia sobre epigrafia da escrita cúfica dessa época, tendo colocado de parte outros trabalhos sobre peças de épocas anteriores porque

² Conservada no Museu António Thomaz Pires, de Elvas (n.º inv. 6740).

estas não têm parecença com o cúfico utilizado em ambas placas³.

Além do mais a decoração vegetal da placa C é semelhante à decoração da ferragem de dobradiça da tampa, na chamada 'arqueta de Zamora' (Fig. 4c), e parecida com outras decorações florais presentes em peças de arte almorávida e almóada, como gessos, cerâmicas, metais, madeiras e também túmulos funerários⁴. Os paralelos situam a peça no fim do século XII e primeiros anos do século XIII.

Problemática dos marfins almóadas

Por motivos de espaço, não nos é possível abordar aqui a questão do principal problema com que se depararam até agora os estudos epigráficos sobre a etapa almóada: são muito poucas as peças artesanais que apresentam uma data explícita e as principais características das suas letras cúficas perduraram em produções granadinas nazaris e merinis, dos dois lados do Estreito. A datação aproximada que resulta destas, ampla e abundante, torna extremamente arriscada e difícil a sugestão de uma cronologia com base apenas em parecenças entre traços detetadas a olho. Apesar de tudo, existem alguns indícios que permitem datá-las de forma bastante segura porque, neste Período Almóada, conforme referido por Ocaña (1986, p. 217), os artesãos adquiriram conhecimentos profundos da escrita árabe e, graças a isso, conseguiram fazer a distinção nos seus caracteres entre o que é essencial e invariável e o que é secundário e passível de ser alterado, modificando os desenhos conforme desejado.

Do mesmo modo, antes de sujeitar os textos a comparação, também não é possível abordar aqui a questão da autenticidade de determinadas inscrições de algumas obras artesanais acolhidas em museus e coleções (sobrevalorizadas na maior parte dos casos), nem das que são conservadas enquanto fazendo parte de edifícios, dado que podem ser anteriores à construção ou, quem sabe, contemporâneas, sendo possível que tenham sido realizadas em épocas posteriores e até que tenham sido realizadas, de forma fictícia, para comemorar a antiguidade da obra.

Os historiadores da arte interessados pela produção eborária, sem preocupações com o

estudo da sua epigrafia e fiando-se na análise das características externas e estilísticas, consideraram problemático localizar oficinas andaluzas nos séculos XII e XIII. Por um lado, o carácter impessoal do texto árabe das inscrições ("para o seu dono", sem indicar nome e data) impede a indicação de uma cidade ou de um reinado concreto. Por outro lado, dão por certa a atribuição à Sicília de um número significativo de produtos que se encontram espalhados por todo o Mediterrâneo. Neste aspeto, seguem de perto as opiniões que foram expostas há algum tempo por Ferrandis (1935–1940), autor que marcou o estudo sobre os marfins árabes no Ocidente, introduzindo a ideia, entre outras, de que as obras conservadas em Espanha são sicilianas. Só um número reduzido de autores acredita que se trata de imitações fabricadas nalgum ponto desconhecido da Península.

De acordo com esta ideia, a série eborária conhecida em Espanha ofereceria um marcado cunho industrial devido ao facto de a lâmina de marfim ou de osso sobre a alma de madeira apresentar decoração diminuta, que pode ser pintada, em motivos isolados que por vezes incluem figuras humanas mas que, de um modo geral, se limita a alguns animais (pavões reais, galgos, etc.). Ferrandis considerou ser possível que alguns exemplares conservados na Península fossem de fabrico nazari e incluiu nesse conjunto as arquetas do mosteiro de Santa María de Huerta e do Instituto de Valência de Don Juan. Atribuiu também a data do século XII a alguns exemplares, como à arqueta da catedral de Zamora conservada no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (n.º inv. 51944) sobre a qual voltaremos a falar.

Contexto arqueológico

Os estudos arqueológicos vão lançando alguma luz sobre uma realidade nova relativa à eborária andaluza. Devemos deixar de lado as placas de marfim encontradas no Castelo de Silves (Faro) (Gomes, 1993; Torres & Macias, 1998, p. 102, n.º 65) e um fragmento encontrado em Córdova (Gómez, 2007), cuja datação de finais do século X as afasta daquelas que agora analisamos do período almóada (Macias, 1993, pp. 130, 137, fig. 19).

Relacionada com a Época Almóada, temos uma pequena mão de Fátima em osso, que terá

³ Compare-se, por exemplo, com a letra cúfica exibida pelas moedas portuguesas imediatas ao governo dos almóadas. Cfr. Antunes & Sidarus, 1993, pp. 221–223; Borges, 1989, pp. 98–109.

⁴ Sobre as decorações florais das épocas almorávida e almóada, ver Barceló, 2006, pp. 135–136.

também de ser deixada de lado no presente estudo devido à sua tipologia. Contudo, pertencentes ao Período Almóada, temos os ossos dos painéis de uma arqueta do Castelo de Moura, Beja. Estes apresentam pintada uma decoração de figuras antropomorfas que fazem lembrar outras da cerâmica esgrafitada de Múrcia do século XII ou inícios do século XIII e as desenhadas em peças de marfim datadas nos séculos XIII e XIV, como as arquetas de Santa María de Huerta, Victoria and Albert Museum, Catedral de Zamora, Burgo de Osma e Coleção Lázaro Galdeano, todas elas com algumas expressões em letras cursivas. Por isso, a de Moura é considerada do século XIII mas anterior ao ano 1232 (Macias, 1993, pp. 130, 137, fig. 18, 1994; Torres & Macias, 1998, p. 103, n.º 66).

No museu arqueológico de Alicante e provenientes da Torre Grossa do Castelo de Jijona, conservam-se diversas placas rectangulares de osso, com decoração pintada a vermelho, azul e dourado, que permitem a reconstrução de parte de uma arqueta com as suas ferragens. Esta arqueta foi datada do século XIII, anterior ao ano de 1258, e pressupõe-se que tenha sido fabricada numa oficina local (Azuar, 1989, pp. 208–209, figs. 123–124, pp. 365–367, est. 51). Uma dessas placas, com 17 mm de altura, apresenta uma inscrição pintada a ouro (Azuar, 1989, p. 209, fig. 124), que poderá significar em letra cursiva árabe *al-yumn wa-l-iqbāl*, ou seja, “felicidade e prosperidade”. Tem paralelismo com os painéis de Moura.

Datam também de finais do século XII e primeira metade do século XIII umas placas de osso com ferragens de metal descobertas na alcáçova do Castelo de Mértola, Beja (Torres & Macias, 1998, p. 103, n.º 67). Revestiam diversas arquetas e quase todos os exemplares apresentam vestígios de pintura a preto (somente um exemplar apresenta decoração a folha de ouro). Em quase todos os casos, a pintura é delineada por incisões ténues ou por um traço mais escuro. O conjunto inclui peças de várias dimensões e as suas extremidades apresentam diversos tipos de corte consoante o seu posicionamento nas arquetas.

Desse conjunto de Mértola, só se afirma que tem inscrição uma peça rectangular (comp. 61 mm; larg. 17 mm). Esta pertenceria à época entre o século XI e a primeira metade do século XII (Torres & Macias, 2001, p. 173, n.º 125). Pretendeu-se ler o desenho como uma repetição de

a-hu, “para ele”, o que é visto como anómalo dado que é uma expressão desconhecida noutras peças. Não obstante, tem também paralelismo com a arqueta com entalhes da catedral de Burgo de Osma, considerada do século XII e cuja decoração idêntica, desenhada com buril e pintada, foi interpretada como a negação *lā*, “não”, por Ferrandis (1940, p. 210, n.º 90) e como o vocábulo *al-malik*, “o império” (*sic*) por Montoya (1979, p. 94, n.º 69)⁵.

Proposta de datação

Não vamos expor aqui, em separado, os argumentos e paralelismos de cada uma das peças de Sintra porque, depois de fazê-lo, constatámos que se tornam repetitivos. Formas similares às oferecidas pelas três peças podem ser vistas em obras artesanais realizadas durante a governação do califa Ya’qūb al-Manṣūr (580–595/1184–1199): a porta Agnaw da cerca da cidade de Marrakech (584/1188) (Deverdun, 1956, pp. 49–50), a porta da *alcáçova* dos Ūdāya em Rabat (590/1194) (Caillé, 1949, pp. 96–110)⁶; um epitáfio de Córdova em escrita cursiva e cúfica datado de 587/1191 (Lévi-Provençal, 1931, n.º 28) ou a decoração da Porta do Perdão da catedral de Sevilha, datada de 567–590/1172–1195 (Salem, 1978). Já referimos que alguns dos signos conservados nas placas de Sintra mantêm uma certa parecença com os de uma lápide datada do primeiro terço do século XIII (Fernández, 1978–1979).

Tal como sucede com o modelo em marfim que mais se assemelha às peças de Sintra: uma arqueta de Zamora datada do século XII (Ferrandis, 1940, p. 119 n.º 1), existem outros paralelismos em pedra, estuque, metal ou cerâmica, que poderiam ser citados e carecem de data — um epitáfio de Múrcia (Pozo, 2008), três de Maiorca, em cúfico e cursivo (Rosselló, 1975, n.ºs 15, 20, 21) e quatro de Almeria (Ocaña, 1964, n.ºs 105 a 108); um epitáfio tumular valenciano, com data proposta de 590–615/1194–1219 (Barceló, 1998, n.º 44, ests. 45–48); gessos da antiga mesquita de Fiñana (Almeria), que são datadas de 575–621/1180–1224 (Barceló & Gil, 1994), do castelo de Monteagudo e do convento de Santa Clara la Real (Múrcia), anteriores a 1243/640 (Navarro, 1995), do Quarto Real de Santo Domingo de Granada (Barceló & Pavón, 1991), da catedral de Cuenca (Ocaña &

⁵ Carmen Barceló considera que é um desenho sem qualquer sentido na língua árabe, habitual em imitações cristãs dos séculos XIII e XIV.

⁶ Sobre estas portas pode ver-se agora Martínez (1997), pp. 430–431, figuras das estampas 3 e 4.

Pavón, 1983) e de Las Huelgas (Burgos) (Ocaña, 1990, fig. 24). Uma inscrição talhada em pedra do castelo de Loja, dos últimos anos almôadas e uma estela tumular cerâmica de Málaga (Martínez, 1997, p. 427, fig. 2, pp. 424–427); uma peça estampilhada descoberta no Gibralfaro de Málaga (Acién, 1996, fig. 4); em Sevilha, a epígrafe de uma placa em cerâmica vidrada (Martínez, 1997); data também desta época uma placa metálica descoberta em Rojales (Alicante) (Barceló, Labarta & Azuar, 1997).

Seria conveniente demonstrar agora que essa arqueta pertence ao período do governo do califa al-Manṣūr já referido dado que, recentemente, foi assinalada a sua vinculação a Sevilha, capital da al-Andalus nessa época (Franco, 1997).

Se o seu alfabeto não fosse suficiente, bastaria lembrar que o texto cúfico que ostenta contém a *taṣliya* (oração por Maomé introduzida em terras andaluzas com os almorávidas) e parte do Corão XII, 64, o mesmo versículo que ostenta a lápide da cerca de Jerez de la Frontera (Cádiz) previamente referida. Além disso, a estes fragmentos de tom religioso junta-se uma longa série de expressões de bom augúrio “para o seu dono”. Devido à parecença do painel de Sintra denominado A com a arqueta de Zamora da Época Almôada agora descrita, poderia suspeitar-se que esteve colocado numa caixa concebida para guardar um ou mais volumes do texto sagrado do Islão, manuscritos cujas proporções poderiam ser as da arqueta de Zamora: 315 x 200 x 133/235 mm. Quanto à peça B, o seu texto responde a uma moda, desenvolvida desde logo no oriente abás-

sida pelos homens de letras⁷, que foi incorporada no artesanato têxtil, metais, cerâmica, marcenaria, eboraria, gessos, estuques e outras manifestações de semelhante teor, tanto nas produzidas por oficinas do califado como nas elaboradas por imitadores particulares. No período que nos ocupa, podemos encontrar textos versificados que fazem referência ao objecto no qual se situam, por exemplo, na chamada Pia de Córdova (Ocaña, 1941), numa pequena jarra esgrafiada encontrada em Valência (Lerma & Barceló, 1985) e também em inúmeros boiões e caixinhas de marfim (Ferrandis, 1940), todos eles destinados a usos até agora hipotéticos.

Conclusão

O estudo que realizámos faz realçar a importância das três pequenas placas de marfim encontradas em Sintra. Estamos diante de duas amostras de escrita almôada do último terço do século XII, em marfim, destinada a caixas que, muito provavelmente, poderão ter sido fabricadas em oficinas sevilhanas durante o governo do califa almôada al-Manṣūr.

A presença destes painéis no Castelo de Sintra, que foi conquistado pelos Portugueses muito antes da elaboração das caixas que decoravam, demonstra que terão chegado a Portugal provenientes de capturas efectuadas em ataques cristãos a terras andaluzas, provavelmente na época das conquistas que coincide com os grandes avanços do século XIII, tanto por parte de Portugal como de Castela e Aragão.

⁷ Como exemplo do gosto por incluir poesia nos objetos mais diversos, cfr. *El libro del brocado do literato oriental al-Wassa'* (m. 936), com tradução de Teresa Garulo. Madrid: Alfabara, 1990, capítulos 52–56.

Créditos fotográficos

Mathias Tissot – Archeofactu.

Bibliografia citada

ACIÉN ALMANSA, Manuel (1996) – Cerámica y propaganda en época almohade. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 4, pp. 183–191.

ANTUNES, Miguel Telles; SIDARUS, Adel (1993) – Mais um quirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri (Alcaria Longa – Baixo Alentejo). *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, pp. 221–223.

AZUAR RUIZ, Rafael (1989) – *Denia islámica: arqueología y poblamiento*. Alicante: Diputación Provincial.

BARCELÓ TORRES, Carmen (1991) – Las inscripciones árabes en las yeserías y alicatados del Cuarto Real de Santo Domingo de Granada. In PAVÓN MALDONADO, Basilio – *El Cuarto Real de Santo Domingo de Granada: los orígenes del arte nazarí*. Granada: Ayuntamiento, pp. 134–150.

BARCELÓ TORRES, Carmen (1998) – *La escritura árabe en el País Valenciano*. Valencia: Universidad.

- BARCELÓ TORRES, Carmen (2006) – Túmulo islámico del Museo Histórico Municipal de Écija. *Astigi Vetus*. Écija. 2, pp. 131–138.
- BARCELÓ TORRES, Carmen; GIL ALBARRACÍN, Antonio (1994) – *La mezquita almohade de Fiñana*. Almería; Barcelona: Ediciones Grijalbo.
- BARCELÓ TORRES, Carmen; LABARTA GÓMEZ, Ana María; AZUAR RUIZ, Rafael (1997) – El plomo árabe de Cabezo de las Tinajas (Rojales, Alicante). *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 11, pp. 265–275.
- BORGES, Artur Goulart de Melo (1989) – As inscrições lapidares árabes do Museu de Beja. *Arqueologia*. Porto. 20, pp. 98–109.
- CAILLÉ, Jacques (1949) – *La ville de Rabat jusqu'au protectorat français. I. Histoire et archéologie*. Paris: Vanoest; Rabat: Institut des Hautes Études Marocaines.
- DEVERDUN, Gaston (1956) – *Les inscriptions arabes de Marrakech*. Rabat: Institut des Hautes Études Marocaines.
- FERNÁNDEZ PUERTAS, Antonio (1978–1979) – Dos lápidas almohades. *Mqābriya* de Játiva y lápida de la cerca de Jerez de la Frontera. *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos*. Granada. 27–28, pp. 223–232.
- FERRANDIS TORRES, José (1935–1940) – *Marfiles árabes de occidente*. 2 vols. Madrid: Estanislao Maestre.
- FRANCO MATA, Ángela (1997) – N.º 17 Arqueta. In *Marfiles y esmaltes medievales y renacentistas en España: [exposición], Aquisgrán, Suermond-Ludwig Museum, 7 de mayo – 8 de junio de 1997* [catálogo]. Madrid: Antiquaria, pp. 34–35.
- GOMES, Rosa Varela (1993) – Fragmento de placa insculpada do Castelo de Silves. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, pp. 79–83.
- GÓMEZ MUÑOZ, Guadalupe (2007) – El rey profeta Salomón y la imagen del soberano islámico a partir de una pieza inédita cordobesa. *Spal*. Sevilla. 16, pp. 225–232.
- LERMA ALEGRÍA, Josep Vicent; BARCELÓ TORRES, Carmen (1985) – Arqueología urbana de Valencia: una jarrita con texto poético. *Sharq al-Andalus*. Alicante. 2, pp. 175–181.
- LÉVI-PROVENÇAL, Évariste (1931) – *Inscriptions arabes d'Espagne*. Leiden: Brill; Paris: Larose.
- MACIAS, Santiago (1993) – Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, pp. 127–157.
- MACIAS, Santiago (1994) – A arqueta pintada de época islâmica do Museu de Moura. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas, Lisboa, 1993*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2, pp. 295–298.
- MARTÍNEZ NÚÑEZ, María Antonia (1997) – Epigrafía y propaganda almohades. *Al-Qanṭara*. Madrid. 18, pp. 415–445.
- MONTOYA TEJADA, Baldomero; MONTOYA DÍAZ, Baldomero (1979) – *Marfiles cordobeses*. Córdoba: Real Academia de Ciencias, Bellas Letras y Nobles Artes de Córdoba.
- NAVARRO PALAZÓN, Julio (1995) – *Casas y palacios de Al-Andalus: siglos XII–XIII*. Barcelona; Madrid: Fundación Legado Andalusi.
- OCAÑA JIMÉNEZ, Manuel (1941) – La pila de abluciones del Museo de Córdoba. *Al-Andalus*. Madrid. 6, pp. 446–451.
- OCAÑA JIMÉNEZ, Manuel (1964) – *Repertorio de las inscripciones árabes de Almería*. Madrid; Granada: CSIC.
- OCAÑA JIMÉNEZ, Manuel (1983) – Informe epigráfico. In PAVÓN MALDONADO, Basilio – *Arte islámico y mudéjar en Cuenca*. *Al-Qanṭara*. Madrid. 4, pp. 357–376.
- OCAÑA JIMÉNEZ, Manuel (1990) – Panorámica sobre el arte almohade en España. *Cuadernos de la Alhambra*. Granada. 26, pp. 91–111.
- POZO MARTÍNEZ, Indalecio (2008) – Lápida funeraria. In *Regnum Murciae. Génesis y configuración del Reino de Murcia* [catálogo]. Murcia: Museo Arqueológico, pp. 410–411.
- ROSSELLÓ BORDOY, Guillermo (1975) – Corpus balear de epigrafía árabe. *Mayurqa*. Palma de Mallorca. 13, pp. 5–68.
- SALEM, Abdel Aziz (1978) – La Puerta del Perdón en la Gran Mezquita de la Alcazaba almohade de Sevilla. *Al-Andalus*. Madrid. 43, pp. 201–207.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, eds. (1998) – *Portugal islâmico: os últimos sinais do Mediterrâneo* [catálogo]. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, eds. (2001) – *Museu de Mértola. Arte islâmica*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.